

## As relações entre António Aniceto Ribeiro Monteiro e a Junta de Educação Nacional ou um bolseiro português na cidade de Paris (do Outono de 1931 à Primavera de 1936)<sup>1</sup>

*Augusto J. S. Fitas*

Centro de Estudos de História e Filosofia da  
Ciência, Universidade de Évora, Apartado 94, 7002-554

ÉVORA e-mail: [afitas@uevora.pt](mailto:afitas@uevora.pt)

**Resumo:** Pela importância da actividade de António Aniceto Ribeiro Monteiro, não só em Portugal mas também nos outros países onde ensinou, Brasil e Argentina, é imperioso estudar os seus cinco anos de trabalho intenso na Universidade de Paris, no sentido de compreender como essa aprendizagem moldou a sua formação e fundamentou a sua *praxis* futura. Independentemente de outras fontes, os cinco anos parisienses estão documentados na sua correspondência com o organismo que financiava a sua estada em Paris, a Junta de Educação Nacional (JEN). O bolseiro António Monteiro não poupou os sucessivos Secretários Gerais da Junta a todos os pormenores da sua actividade estudantil e científica, a uma pressão constante das suas necessidades financeiras, a uma permanente comparação entre o seu país e o meio parisiense. Propomo-nos, com base nesta documentação, à reconstituição possível, nos seus aspectos essenciais, da vida deste bolseiro na cidade de Paris, desde o Outono de 1931 à Primavera de 1936.

**Palavras-chave:** António Monteiro; Manuel Valadares; Luís Simões Raposo; Francisco Leite Pinto; Junta de Educação Nacional; Matemática em Portugal; Bolseiros em Paris.

**Abstract:** Because of the importance of António Monteiro scientific activity, not only in Portugal but also in Brasil and Argentina where he taught, it should be studied his five years of intense work as a student in the University of Paris. His stay in Paris is the key for the understanding of his learning process which shaped his future activity. The main primary historical source for this study is the JEN archive which belongs to the present

<sup>1</sup>Trabalho feito com base em investigação suportada pelo projecto POCTI/HCT/ 37742/2001 (comparticipado pelo fundo comunitário europeu FEDER) da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

FCT. António Monteiro was the owner of a five year grant and during this period he kept a large correspondence with two Secretaries General of this institution where he gave full information not only of his scientific progress and financial needs as well as Paris scientific atmosphere. In this paper, our main purpose is to rebuild, so far as possible, Monteiro's life in Paris from the autumn of 31 to the spring of 36.

**Keywords:** António Monteiro; Manuel Valadares; Luís Simões Raposo; Francisco Leite Pinto; Junta de Educação Nacional; Portuguese Mathematics; Grant owners in Paris.

António Aniceto Ribeiro Monteiro foi, no século XX, um dos mais influentes matemáticos portugueses, talvez, sem exagero, se possa considerar o mais influente. Nascido no dealbar do século, matriculou-se na Faculdade de Ciências de Lisboa no ano lectivo de 1925–26, inicialmente nos preparatórios que lhe dariam acesso à carreira de engenheiro militar, enveredando depois pelas Ciências Matemáticas e acabando por se licenciar no ano lectivo de 1929–30. Foi o segundo licenciado em Matemáticas a obter, da parte da Junta de Educação Nacional (JEN)<sup>2</sup>, uma bolsa para estudar no estrangeiro<sup>3</sup>; foi o primeiro a alcançar o doutoramento numa universidade estrangeira, neste caso a de Paris.

Perseguindo sempre o duplo objectivo de investigar e organizar a investigação em matemática onde quer que se encontrasse (da Europa à América Latina), o seu regresso em 1936 ao nosso país marca um importantíssimo ponto de viragem no lançamento da actividade de pesquisa nesta disciplinanas universidades portuguesas. É ao pioneirismo deste homem que a matemática portuguesa ficou a dever: (a) a criação de um «seminário de matemática» como principal *forum* de discussão e criação da actividade de investigação; (b) a criação no nosso país de uma revista científica internacional de matemática; (c) a criação de Centros de Matemática, onde se organiza a investigação, e que foram responsáveis pelo envio de uma geração de jovens matemáticos para o estrangeiro a fim de aprofundarem a sua formação e desenvolverem as suas qualidades de descoberta; (d) a criação no nosso país da primeira revista de divulgação e difusão científica da matemática...

Aniceto Monteiro foi um homem do seu tempo, sempre muito atento à realidade social, económica e política que o rodeava, tomando partido,

<sup>2</sup> Este organismo foi criado pelo decreto nº16381 de 16 de Janeiro de 1929, assinado por Gustavo Cordeiro Ramos, embora toda a sua génese tenha sido arquitectada pelo ministro anterior, Duarte Pacheco.

<sup>3</sup> O primeiro foi Francisco de Paula Leite Pinto, embora nos relatórios da JEN apareça como bolseiro em Engenharia e Astrofísica.

animado por convicções e lutando por causas, mesmo à custa de sacrifícios pessoais. Cedo se apercebeu que o palco científico, onde pretendia actuar, estava imerso no grande teatro da política, logo dever-se-iam criar condições que influenciassem esta área de decisão. É aqui que talvez caibam as iniciativas em que foi um destacado animador: as criações do Núcleo de Física, Matemática e Química, «uma verdadeira pedrada no charco»<sup>4</sup> no meio universitário português, e, mais tarde, da Junta de Investigação Matemática<sup>5</sup>.

Exactamente pela importância da sua actividade, não só em Portugal mas também nos outros países onde ensinou, Brasil e Argentina, é imperioso estudar os seus cinco anos de trabalho intenso na Universidade de Paris, no sentido de compreender como essa aprendizagem moldou a sua formação e fundamentou a sua *praxis* futura. Independentemente de outras fontes, os cinco anos parisienses estão documentados na sua correspondência com o organismo que financiava a sua estada em Paris, a JEN, em três volumosos processos<sup>6</sup>. António Aniceto Ribeiro Monteiro não poupou os seus correspondentes, os sucessivos Secretários Gerais da Junta, a todos os pormenores da sua actividade estudantil e científica, a uma pressão constante das suas necessidades financeiras, a uma permanente comparação entre o seu país e o meio parisiense. Por outras palavras, com base nesta documentação é possível reconstituir, nos seus aspectos essenciais, a vida do bolseiro António Monteiro na cidade de Paris, desde o Outono de 1931 à Primavera de 1936, ano em que se doutora.

## 1 Introdução

Em 11 de Julho de 1931, dava entrada nos serviços da Junta de Educação Nacional um requerimento em meia folha de papel selado, como era norma da época, cujo teor era o que abaixo se transcreve na integra:

*§.º* *Presidente da Junta de Educação Nacional António Aniceto Monteiro, licenciado em Ciências Matemáticas pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, com o 1º ano de estágio no Liceu Normal de Lisboa, de 24 anos de idade, casado, natural de Moçâmedes (África Ocidental Portuguesa),*

<sup>4</sup> (FITAS, 2004: 59)

<sup>5</sup> Entidade, independente das estruturas estatais, criada no dia 4 de Outubro de 1943 por iniciativa de Aniceto Monteiro, Mira Fernandes e Ruy Luís Gomes (GAZETA, 17: 18) — indica-se o número da revista e a página.

<sup>6</sup> Estes processos pertencem actualmente ao Arquivo da Fundação para a Ciência e Tecnologia (AFCT).

*morador na Rua Heliodoro Salgado n° 19-2° em Lisboa, desejando, com o fim de se preparar para o professorado superior, ir durante três anos frequentar os cursos de Análise Infinitesimal e da Teoria das Funções, professados na Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, no «Colégio de França», na «Escola Prática de Altos-Estudos, secção de Ciências matemáticas», que directamente interessam à especialização que tem em vista con-forme vai explicado no relatório junto; Pede a V. Ex.<sup>a</sup> se digne conceder-lhe: durante três anos uma bolsa de estudos (cuja importância será a que V. Ex.<sup>a</sup> entender suficiente para que com sua mulher possa o candidato viver modestamente), o custo das propinas e o dinheiro suficiente para despesas de viagens e instalações. Lisboa, 11 de Junho de 1931 António Aniceto Ribeiro Monteiro.»<sup>7</sup> .*

Este requerimento era acompanhado, além das certidões de residência, nascimento (*publica forma*) e de casamento com Lídia Marina de Faria Torres, por uma carta abonatória, ou de recomendação, do Professor Catedrático da secção de matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa, Pedro José da Cunha, e por um relatório onde o requerente expunha a sua proposta de trabalho a ser executado durante o período da bolsa. Da carta do Doutor Pedro José da Cunha, retira-se o essencial da sua argumentação em prol da atribuição da bolsa a este candidato:

*«(...) A iniciativa do meu antigo aluno, sr. António Aniceto Ribeiro Monteiro merece, portanto, todo o meu aplauso e simpatia, na sua dualidade; e o conhecimento directo, que dele tenho, convence-me de que ele é capaz de levar a cabo, com êxito, adupla missão que a si próprio impõe. É das pessoas para quem existe a curiosidade científica, e o espírito de investigação e que têm as aptidões necessárias, não só para assimilarem o trabalho alheio, mas também, como é essencial, para produzirem trabalho próprio. Os seus primeiros ensaios, sobre a função de Weierstrass, resultaram de eu ter chamado a atenção dos meus alunos, no ano em que o sr. Monteiro frequentou a cadeira de Análise Superior, para*

<sup>7</sup>(AFCT: 649, 1). Doravante a indicação referente à documentação do Arquivo da Fundação para a Ciência e Tecnologia será feita com a indicação (AFCT: n° do processo, n° do documento)

*o facto de não compreenderem todos os casos possíveis aqueles para os quais Weierstrass demonstrou que a função é, ou não é, derivável. O sr. Monteiro teve a curiosidade de ver o que acontece no caso ainda não considerado, e conseguiu provar que, pelo menos num número infinito de pontos do intervalo excluído, a mesma célebre função não admite derivada. No outro trabalho, que o sr. Monteiro apresenta à Junta, introduz este candidato uma noção nova, a da função de variação uniformemente limitada, e mostra a sua fecundidade, tirando dela algumas consequências importantes. Confirma, assim, que possui faculdades inventivas, e que pode consagrar-se com êxito a trabalhos de investigação.»*

E do relatório de António Monteiro, subjacente ao seu pedido de bolsa, extraem-se as linhas gerais da sua proposta que o próprio sintetiza na forma:

*«(...) Impunha-se como base de um trabalho consciencioso o seguinte plano de estudos: 1º) completar os conhecimentos basilares adquiridos; 2º) o estudo das principais teorias da especialidade que modernamente se têm criado e desenvolvido; 3º) a plena iniciação em trabalhos de investigação. Devo observar que não considero estas três fases como três estádios consecutivos e separados por barreiras intransponíveis; pelo contrário todos devem ser percorridos simultaneamente, pretendendo apenas ter indicado a ordem pela qual devem ser considerados na sua fase de maior intensidade. (...) A Faculdade de Ciências da U. de Paris é a Escola que apresenta*

*o maior número de condições para o objectivo que tenho porque, além de me permitir a realização do meu plano de estudos tem como professores, entre outros: Émile Borel (um dos fundadores da teoria das funções), Henri Lebesgue (um dos fundadores da teoria das funções e um verdadeiro especialista em vários ramos de Análise), Paul Montel (Professor dum curso sobre Teoria das Funções e das Transformações), Maurice Fréchet (um dos maiores matemáticos de todo o mundo em questões de Análise Geral e que ainda em 1928*  
*com*

<sup>8</sup>(AFCT: 649, 1). Em todas as citações adoptou-se como critério a actualização ortográfica, mantendo-se os sublinhados e termos ou expressões em outras línguas que constam no original.

*a publicação do seu livro «Les Espaces Abstraits» abriu novos horizontes no campo das matemáticas), Goursat (o conhecido professor de Cálculo Diferencial e Integral), M. [Elie] Cartan e [Gaston] Julia (notáveis professores e investigadores de Geometria Infinitesimal e Geometria Superior). Tenho a convicção de que sob a direcção de tão eminentes professores, todos eles notáveis investigadores, os meus estudos seriam proficuamente orientados. Além disso, o meu estágio em Paris, permitir-me-ia frequentar os cursos do «Collège de France» ou ainda os da fundação «Claude-Antoine Reccot» ou ainda os da «École Pratique des Hautes-Études, section des Sciences Mathématiques» que directamente interessassem à especialização que tenho em vista. Pretendo também estudar em Paris a organização dum Centro de Estudos Matemáticos que teria, entre outros, o objectivo de realizar<sup>9</sup> o ressurgimento completo das tradições matemáticas portuguesas (...)»*

Em nenhuma parte do relatório justificativo do pedido de bolsa, Aniceto Monteiro assume que fará o doutoramento, preferindo, em contrapartida, propor-se a estudar o que de mais moderno ainda não chegara aos anfiteatros das Faculdades portuguesas, bem como o iniciar-se no trabalho de investigação; intui, desde logo, que esta actividade implicava, para lá da habilidade natural e individual de cada um, a necessidade de uma organização vocacionada para este fim específico, daí que sublinhe o seu último propósito: preparar-se para a edificação de um «Centro de Estudos Matemáticos». Pelo que se conhece da vida de Aniceto Monteiro, é interessante acentuar como estes objectivos, propósitos de um simples «aspirante a matemático», enunciados aos vinte e quatro anos de idade — no percurso entre o Liceu Camões e a Heliodoro Salgado —, se vão manifestar como um «invariante» ao longo de toda a sua vida: estudar, estar a par do que se faz, pensar sempre em novos problemas (investigar) e organizar a investigação.

Corre o ano de 1931, em 25 de Julho foi comunicado a António Monteiro que lhe fora atribuída a bolsa pedida e, em Outubro, ele e Lídia Torres, já estarão instalados na cidade de Paris, mas até à partida no «Paquebot

<sup>9</sup>(AFCT: 649, 1). Doravante, os termos entre parêntesis recto [...] inseridos nas citações, salvo indicação em contrário, são da nossa responsabilidade e destinam-se a uma melhor compreensão do texto citado.

Atlantique»<sup>10</sup>, foi-lhe dada a oportunidade de presenciar grande parte daquilo que muitos historiadores apelidam o ano de todas as revoltas ou de todas as crises, «o grande e derradeiro susto da ditadura»<sup>11</sup> instaurada a 28 de Maio.

Os efeitos económicos e sociais da crise financeira internacional de 1929/31 vão repercutir-se fortemente no espaço nacional e vão obrigar o país a uma acentuada travagem da actividade económica: é o desemprego e as lutas em torno da bandeira «Pelo Pão e Trabalho»; a agitação social atinge as fábricas e atravessa os campos alentejanos. «O mês de Abril [desse ano] começa revolucionariamente»<sup>12</sup>: abre com a «Revolta da Madeira» que se estende aos Açores e à Guiné; é implantada a República em Espanha, acontecimento que constitui um forte estímulo para a acção de todas as forças do «revirvalho»; a greve dos estudantes da Universidade de Lisboa (iniciada no dia 25 na Faculdade de Medicina) alastrou ao Porto e a Coimbra; no Porto a repressão ao movimento estudantil provocará dezenas de feridos e a morte de um estudante, cujo funeral, a 30 de Abril, constituiu uma grande manifestação contra a ditadura. Mas a revolta da Madeira depõe armas nos primeiros dias de Maio e vai ser necessário esperar até 26 de Agosto para que a capital acorde com um toque de clarim do Quartel de Artilharia 3, que dará o sinal da acção revoltosa, estendendo-se a outras unidades militares da capital, sem qualquer resposta do resto do país, acabando vencida aocair da noite dessa mesma jornada. É o canto do cisne das acções militares contra uma ditadura que se prolongará por mais 43 anos.

A República no país vizinho apoia a oposição à Ditadura e a maior parte dos políticos republicanos portugueses exilados assentará arraiais em território espanhol, contudo um núcleo de figuras importantes da democracia portuguesa que constitui a «Liga de Paris» permanecerá, em parte, nessa cidade até à amnistia que lhes permitirá regressar ao país. Aniceto Monteiro no seu primeiro ano de Sorbonne ainda privará com eles...

## **2 Paris: uma geografia de endereços, os outros bolseiros, a época**

Chegado a Paris, o primeiro contacto que António Monteiro procura é Francisco de Paula Leite Pinto; é o que refere na primeira missiva mandada

<sup>10</sup> É em papel timbrado deste navio que Aniceto Monteiro remete para a JEN a sua primeira carta de Paris (AFCT: 649, 13).

<sup>11</sup> (ROSAS, 1994: 222)

<sup>12</sup> (FARIA, 2000: 173)

ao cuidado do secretário da JEN, Luís Simões Raposo: «Já falei com o Leite Pinto que me tem dado muitas indicações»<sup>13</sup>. Depois, como ele próprio escreve, «no próximo mês já devo estar instalado num apartamento mais barato»<sup>14</sup> e em 31 de Dezembro passa a habitar o «16, R. Louis-Blanc, Levallois-Perret, Seine»<sup>15</sup>, exactamente o hotel onde residiam alguns dos exilados da «Liga de Paris», tal como conta um outro bolseiro da JEN, António da Silveira que realizava os seus trabalhos científicos no Collège de France e, por indicação de Langevin, sob a direcção de Edmond Bauer:

*«(...) Sérgio mudou a residência para Levallois-Perret, e eu para lá fui também a instâncias de D. Luísa. Já lá viviam, no mesmo hotel, Raul Proença, Filipe Mendes e Jacinto Simões. Pouco depois também para lá foi o Aniceto Monteiro. Quase todos os dias nos reuníamos no apartamento dos Proenças, depois de jantar: Sérgio, Filipe Mendes e eu — com as esposas; por vezes o Monteiro. As conversas giravam amiúde sobre a política nacional da época. Uma noite cheia de paixões, Proença e Sérgio, tiveram uma violenta discussão. No dia seguinte, Proença veio ao meu apartamento pedir-me desculpa<sup>16</sup> de se ter excedido com Sérgio, na minha presença — em sua casa.»*

Por certo que António Monteiro, neste convívio quase diário com estes homens, não só deverá ter assistido ao despontar das crises de desespero e perda de lucidez de Raul Proença, como lhe permitiu também formular opiniões sobre algumas destas personagens bastante activas no seio da oposição republicana à ditadura. Expressá-las-á em carta para Simões Raposo como adiante se verá. António da Silveira, em jeito de memória, acrescenta sobre o ambiente do Hotel na rua Louis-Blanc:

*« (...) nunca tentaram envolver-me, nem ao Monteiro, nos seus problemas de exilados (...) A minha maneira de ser, a sua [de António Sérgio] maneira de ser, a sua preocupação — aparentemente ideia fixa — de transformar os eleitos em «filhos espirituais», isto sobretudo, exacerbavam a minha veia natural, irreprimível, por vezes compulsiva, de contestador — e afastavam-me*

<sup>13</sup>(AFCT: 649,  
13) <sup>14</sup>*Ibid.* <sup>15</sup>(AFCT: 649,  
19) <sup>16</sup>(SILVEIRA,  
1976:22)



*sem recurso. Coisa semelhante se passava com o Monteiro que*<sup>17</sup>  
*várias vezes abordou o assunto comigo.»*

A estadia de Monteiro em Paris, pelo menos durante grande parte do seu primeiro ano de bolseiro, foi passada no hotel onde se encontravam os exilados portugueses, mas a informação permanente que envia para a JEN permite identificar, ao longo dos seus cinco anos parisienses, a geografia dos seus endereços (QUADRO I) e que se distribui preferencialmente no «Quartier Latin» em redor da Sorbonne...

**QUADRO I**  
(Endereços de A. Monteiro em Paris)

- |                                     |                            |
|-------------------------------------|----------------------------|
| 1 Boulevard Port-Royal,             | até 30 de Dezembro de 1931 |
| 2 Rue Louis-Blanc, Levallois-Perret | até Novembro de 1932       |
| 3 Rue d’Ulm                         | até Outubro de 1933        |
| 4 Rue de Quatrefages                | até Junho de 1934          |
| 5 Boulevard Pasteur,                | até Setembro de 1935       |

Quando Monteiro chega a Paris, já lá se encontravam vários bolseiros portugueses e, deles, dois são nomeados mais amiúde na sua correspondência com a JEN como é o caso de Leite Pinto e Manuel Valadares. Este último é aquele que é alvo do maior número de referências e destas percebe-se que, entre eles, há, além de amizade, uma clara comunhão de pontos de vista.

Aniceto Monteiro, desde a sua chegada, preocupa-se claramente com as condições económicas em que vivem os bolseiros. Quatro meses após o início da bolsa, numa carta para a JEN, acompanhando o seu primeiro relatório trimestral, não se eximia a escrever:

*«(...) A Junta deve pensar em assegurar aos bolseiros pelo me-nos boas condições de trabalho. Estou (...) sem recursos para comprar livros. Já gastei até hoje 980 francos em livros. Há duas obras que eu preciso imediatamente. Appel et Goursat, Théorie des fonctions algébriques, 2 vol., 200fr e Picard, Traité d’Analyse, 3 vol., 240 fr que o professor Julia me aconselhou que estudasse imediatamente. Não*

<sup>17</sup> *Ibid.*

*os posso comprar. Quando o dinheiro não chega para se viver não há outro remédio senão adaptarmo-nos. Lava-se a cara com sabão de lavar a roupa, lava-se a roupa em casa, come-se só um prato a cada refeição, toma-se banho com púcaros de água quente, fica-se em casa 2 dias para mandar limpar o fato, rapa-se frio porque não há dinheiro para comprar roupas de lã, vão-se rompendo as solas enquanto não entra água, etc. até que um dia se rebenta; mas até lá vai-se vivendo! (...) Quando não há livros, há coisas que se vão deixando de estudar. Este é um problema importante. Eu não me aguento mesmo com*

*o subsídio pequeno que me deram. Peço a V. Ex.<sup>a</sup> para ver se a Junta me pode ao menos comprar os livros que indico. (...)*<sup>18</sup>»

Esta é uma das características da correspondência de Monteiro com a JEN, dar conta das dificuldades financeiras que, em Paris, ele e os demais bolseiros atravessavam. Em Fevereiro de 1934, foi enviado ao Secretário Geral da JEN uma exposição sobre as dificuldades financeiras dos bolseiros de Paris:

*«À Exma. Comissão Executiva da Junta de Educação Nacional. Os bolseiros da Junta de Educação Nacional actualmente em Paris, enviados por este alto organismo da cultura portuguesa, vêm muito respeitosamente trazer ao conhecimento de V.V Exas. as circunstâncias precárias em que se encontram para bem cumprir o plano de trabalhos que se impuseram, em obrigação moral e contratual perante si próprios e perante a Junta.(...)»*<sup>19</sup>

que termina

*«(...) mas porque a boa fé já existiu na promessa e existe na exigência, aqui fica a presente exposição de que resultará sem dúvida uma atitude imediata da parte dessa Junta. E quando assim não fosse, sentir-se-iam os bolseiros na impossibilidade de honrarem o seu compromisso e só lhes restaria o regresso ao país como solução desastrada duma falência que os afectaria para sempre na sua vida material, intelectual e moral.*

<sup>18</sup> (AFCT: 649,  
20) <sup>19</sup> (AFCT: 649,  
66)

*A Junta lhes indicará este caminho, se de todo lhe for impossível assinalar-lhe outro ou dar-lhes o remédio justo e fácil que pretendem, e legítima e honradamente reivindicam.» [Assinaturas] António Monteiro, António Medeiros (?) Gouveia, Aurélio Marques da Silva, Arnaldo Peres de Carvalho, Manuel Augusto Zaluar Nunes, Branca Edmée Marques, João Avellar Maia de Loureiro»<sup>20</sup>*

Porque este abaixo-assinado está arquivado no processo de António Monteiro, também porque é dele a primeira assinatura, não há dúvida que esta iniciativa deve ter sido fomentada por ele. Iniciativas deste tipo, bem como a sua atitude face ao trabalho que lhe era exigido como estudante, granjearam-lhe um grande respeito por parte dos outros bolseiros parisienses, ao ponto de António da Silveira escrever, quarenta anos depois:

*«(...) Em 1936, por minha iniciativa, criou-se o Núcleo de Física, Matemática e Química, constituído por antigos bolseiros da JEN em Paris — os antigos combatentes dos tempos heróicos. Mas tinha sido necessário aguardar o regresso de António Monteiro!...»<sup>21</sup>*

Pelas assinaturas da exposição e pelas referências feitas na correspondência da JEN, podemos concluir que o grupo de bolseiros parisienses com quem Aniceto Monteiro tinha relações era constituído, sobretudo, pelos nomes indicados no QUADRO II.

## QUADRO II

(Bolsesiros da JEN em Paris com que privava A. Monteiro)

NOME	Período de bolsa	Escola frequentada ou habilitação académica alcançada
Branca Edmée Marques (1899–1986)	1931–35	Doutoramento (em Química)
Francisco de Paula Leite Pinto (1902–?)	1929–34	«École de Ponts et Chaussées» (Engenharia)
Manuel Valadares (1904–1982)	1930–33	Doutoramento (em Física)
António da Silveira (1904–1985)	1929–32	«Collège de France» (em Física)
Arnaldo Peres de Carvalho (1904–1989)	1931–34	«École de Physique et de Chimie Industrielles» (?)
Aurélio Marques da Silva (1905–1965)	1933–38	Doutoramento (em Física)
Manuel Zaluar Nunes (1907–1967)	1933–38	Universidade de Paris (Matemática)
<sup>20</sup> <i>Ibid.</i> <sup>21</sup> (Silveira, 1976: 23)		<i>continua na próxima página</i>

QUADRO II – conclusão

NOME	Período de bolsa	Escola frequentada ou habilitação académica alcançada
João Avellar Maia de Loureiro		
Manuel Valadares e Aurélio Marques da Silva		Faculdade de Ciências de Lisboa,

António da Silveira e Arnaldo Peres de Carvalho do Instituto Superior Técnico, e Manuel Zaluar Nunes do Instituto Superior de Agronomia foram, em conjunto com Aniceto Monteiro os grandes activistas e iniciadores do «Núcleo de Física, Matemática e Química».

Aniceto Monteiro sai de Portugal numa altura em que, após o 26 de Agosto de 1931, a «ditadura reforçará a sua força política e desenvolverá os mecanismos político-administrativos e policiais capazes de evitar futuros sustos e ameaças»<sup>22</sup>, contudo numa carta ao secretário da JEN datada de 20 de Dezembro de 1932, desabafa, numa expressão cifrada e com um tom que ainda se abre para alguma esperança, «e essa malfadada dita nunca mais cai»<sup>23</sup>. Uma esperança que era alimentada pelas movimentações políticas em Paris, especialmente nos sectores intelectuais franceses. Não se esperaria que a correspondência com a JEN contivesse quaisquer apreciações políticas sobre o efervescente ambiente parisiense, contudo, cerca de sete meses após a sua chegada, em Maio de 1932, perante as eleições que se sucederam ao assassinato do Presidente da República Francesa, Aniceto Monteiro tece algumas considerações políticas na carta que envia ao Secretário Geral da Junta

*«(...) Por cá, como deve saber, o ambiente anda um pouco agitado. Morte do Daumer, vitória das esquerdas nas eleições. Amanhã é a eleição do novo Presidente. Um candidato possível é o matemático Painlevé (...). O Lebrun, cuja eleição parece neste momento assegurada (...) Eu votava no Painlevé porque é matemático e porque é esquerdista! (...) Desculpe-me o laconismo desta carta, mas quando escrevo é sempre à pressa. Tenho imenso que fazer e ainda ando sobrecarregado com umas lições de alemão (a 15 francos a hora) que me é indispensável (...).»<sup>24</sup>*

É de prever que Monteiro, bem como os outros bolseiros, estivessem a par das posições contra o fascismo e a escalada belicista que levaram à formação

<sup>22</sup>(FARINHA, 1998:200) <sup>23</sup>(AFCT: 649, 44) <sup>24</sup>(AFCT: 649, 26)

do Comité Amsterdam-Pleyel, uma organização nascida no Verão de 1932, onde pontificavam figuras como Romain Rolland e Paul Langevin. Deverão também os bolseiros portugueses ter assistido ao 6 de Fevereiro de 1934 em Paris — manifestações da extrema direita francesa, exigindo a demissão do Governo, cujo embate com as forças policiais se saldou em 17 mortos e cerca de 2000 feridos. A reacção política imediata a estes acontecimentos foi a formação do «Comité de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas» onde sobressaíam, entre outros, as figuras de Langevin, Jean Perrin, Irene Joliot-Curie e Jacques Hadamard<sup>25</sup>. E até à sua saída, na Primavera de 1936, já doutorado em matemática pela Sorbonne, Monteiro ainda assistiu ao resultado das eleições legislativas em França que, no dia 3 de Maio de 1936, deram a vitória à Frente Popular. O governo desta «Frente» virá a contemplar pela primeira vez a Investigação Científica com uma subsecretaria de estado chefiada pelo prémio Nobela Química de 1935, Irène Joliot-Curie...

Se na política em geral o ambiente parisiense estava «agitado», na política científica francesa o ambiente também não estava mais calmo e, por certo, os bolseiros portugueses apercebiam-se do que se passava. Em 1928 fora criado na Faculdade de Ciências, mediante o apoio financeiro de fundos americanos e do banqueiro Rostchild, o Instituto Henri Poincaré, cujo primeiro director foi o matemático E. Borel, e que foi a primeira estrutura francesa dedicada exclusivamente à investigação em matemática e física teórica. Em 1930, o físico e prémio Nobel Jean Perrin lança-se numa importante campanha junto dos meios políticos para criar uma instituição responsável pela angariação e atribuição de meios financeiros à investigação científica francesa. Um organismo que permitisse suportar uma carreira de investigação não obrigatoriamente ligada aos lugares de ensino das Universidades e Escolas. Apoiado pelo seu círculo de relações científicas — Curie, Langevin, Borel — Perrin consegue que o partido vencedor das eleições de 1932 apoie as suas propostas e crie um Conselho Superior de Investigação, entidade responsável pela distribuição dos fundos pelos diferentes grupos e instituições. Toda a discussão pública levada a cabo no sentido de mostrar a importância da investigação científica, ou o entendimento de uma atitude racional na compreensão da natureza, vai tocar de forma muito particular o pensamento de António Monteiro. Será o governo da Frente Popular de Léon Blum que dotará a pesquisa científica de meios que vão permitir, em 1939, a criação

<sup>25</sup> (WINOCK, 2000: 255)

de uma estrutura que coordenaria a investigação científica levada a cabo nos diferentes laboratórios franceses, o conhecido CNRS<sup>26</sup> .

PESSOAL

## A Junta de Educação Nacional: dois Secretários Gerais

Toda a correspondência que António Monteiro mantém com a JEN ao longo da sua vida de bolseiro no estrangeiro tem como seus interlocutores os Secretários Gerais dessa instituição: primeiro, Luís Simões Raposo, entre a saída para Paris e Maio de 1934, quando ocorre a morte deste, depois será, entre Julho de 1934 e o regresso de Paris, Francisco Leite Pinto; no intervalo entre a morte do primeiro e a nomeação do segundo, Celestino da Costa, Vice-presidente da JEN, assumiu os contactos necessários.

Da troca de mensagens com Luís Simões Raposo, só é possível ter acesso às cartas do bolseiro; no processo arquivado não constam quaisquer cópias das missivas que o Secretário da JEN lhe enviava<sup>27</sup>. Nestas cartas, Monteiro trata sempre com uma certa formalidade e respeitosa Simões Raposo, embora expondo com muita abertura e frontalidade todos os assuntos: ao longo dos textos o vocativo de «sr. Doutor» é usado com frequência e o mesmo acontece com o tratamento de «V. Ex.<sup>a</sup>»; nota-se que há algumas afinidades «ideológicas», caíndo, Monteiro, em desabafos políticos que não seriam bem entendidos por um Secretário Geral «situacionista».

Percebe-se que, entre ambos, há uma diferença geracional: Simões Raposo é dez anos mais velho que Aniceto Monteiro e este conhecia certamente o papel que aquele tinha tido no erguer do projecto da JEN. Escrevia o Professor Celestino da Costa, a propósito do primeiro Secretário Geral da Junta,

*«(...) Em 1921, o Dr. Luís Simões Raposo, então meu assistente e ainda estudante de medicina, membro da Direcção da Federação Académica, defendeu numa conferência realizada na Faculdade de Ciências um projecto de criação de uma residência de estudantes, ligada a uma Junta autónoma e inspirada nos mesmos princípios da de Madrid. A iniciativa do Dr. Simões*

<sup>26</sup> O seu decreto de criação foi assinado a 19 de Outubro de 1939 pelo Presidente da República Francesa, Albert Lebrun.

<sup>27</sup> Muito provavelmente, estas cartas farão parte do espólio pessoal de Aniceto Monteiro, actualmente na posse dos seus herdeiros.

*Raposo foi seguida da organização dum instituição particular  
que recebeu o nome da «Junta de Educação» (...)*<sup>28</sup>

Esta conferência de Simões Raposo fora feita enquanto membro da Federação Académica de Lisboa, a cuja direcção pertencia, tal como o estudante do Instituto Superior Técnico, Duarte Pacheco. Dois anos depois, Luís Simões Raposo<sup>29</sup> ver-se-á associado a António Sérgio quando este ocupou a pasta ministerial da instrução durante dois meses e apresentou um diploma de criação de uma «Junta de Orientação dos Estudos» que foi chumbado pelo Parlamento devido a dificuldades financeiras. Este médico, investigador em Histologia, acaba assim por estar identificado com o projecto inicial da Junta bem como com o grupo da revista Seara Nova. Não é de estranhar, devido às antigas «ligações Académicas», que o verdadeiro autor do projecto da JEN de 1929, Duarte Pacheco, o tenha convidado para ocupar um lugarchave nesta instituição. É muito elucidativo que nos discursos da tomada de posse dos corpos dirigentes da Junta, o ministro (Gustavo Cordeiro Ramos) tenha terminado a sua brevíssima alocução com uma citação de Mussolini e Simões Raposo lhe tenha respondido,<sup>30</sup> relembrando a sua proposta de 1921 e o trabalho de Sérgio no ministério de 1923 ...

No ano de 1928, poucos meses antes de assumir o cargo de Secretário da JEN, Luís Simões Raposo escreveu, em vários números da *Seara Nova*, um curiosíssimo artigo sobre o ensino superior em Portugal<sup>31</sup>, sujeitando-o à comparação com os seus congéneres de outros países europeus e americanos. Não o deu por acabado, pois

*«(...) suspendi a publicação convencido de em breve poder dar conta de realizações concretas como remate desta campanha encetada em prol da reforma das universidades e dos altos estudos (...) conservando a esperança de alcançar prontamente a solução de diversos problemas (...)*<sup>32</sup>»

<sup>28</sup>(COSTA, 1934: 6)

<sup>29</sup>Em 26 de Dezembro de 1923 sai a portaria que nomeia o assistente da Faculdade de Medicina, Luís Robertes Simões Raposo, para chefe de gabinete de António Sérgio.

<sup>30</sup>(JUNTA, 1929: 24–26)

<sup>31</sup>O artigo tinha por objectivo combater o encerramento de algumas Faculdades nas Universidades Portuguesas, medida levada a cabo, por imperativos de poupança orçamental, pelo governo da Ditadura através do Decreto (nº15365) de Abril de 1928 e que era justificada pelo «pretenso exagero do número de bacharéis e doutores» (RAPOSO, 1928: 416).

<sup>32</sup>(RAPOSO, 1928: 416)



Colocava, assim, toda a sua esperança na intervenção que poderia vir a desenvolver na Junta de Educação Nacional. Simões Raposo era professor auxiliar da Faculdade de Medicina de Lisboa desde 1925, tendo publicado, entre 1922 e 1932, para cima de quatro dezenas de artigos científicos<sup>33</sup>. Além de colaborador da *Seara Nova*, este médico era um cientista com pro-vas dadas, no ensino e no laboratório, que se empenhava na organização dos serviços da Junta, razões suficientes para que Aniceto Monteiro respeitasse sua postura e a sua conduta. É este respeito que vai permitir ao bolsheiro a escrita, após um ano de Paris, de uma carta que é um perfeito «desabafo político» (nunca esquecendo o «ponto da situação» relativamente ao seu estudo) com alguém que, embora ocupando um cargo oficial, não é da «situação» e, mais, é um cientista:

*Senhor Doutor Ando para lhe escrever há uns poucos de dias, mas os meus afazeres têm-me impedido de pôr a minha correspondência em dia. Aulas conferências e os meus trabalhos, se não conseguem dar-me cabo da saúde, não me deixam, pelo menos, respirar. E o tempo passa com uma velocidade espantosa! Este ano sigo cursos muito interessantes: 1º) Fréchet — Teoria das equações integrais; 2º) Borel — Cálculo das probabilidades; 3º) Fréchet — Teoria dos acontecimentos em cadeia; 4º) Denjoy — Cálculo dos coeficientes das séries trigonométricas. Estou também seguindo o curso de Cartan sobre a teoria dos espaços generalizados mas quero-me parecer que tenho que o abandonar (...) Cada vez me convenço mais que a nossa Terra é uma miséria, sob todos os pontos de vista. O pior é que o problema não se resolve com a meia dúzia de indivíduos que andam cá por fora. Está tudo por fazer, e essa malfadada dita nunca mais cai. E se cai? Qual é o conjunto de homens que será capaz de realizar uma política avançada? Quem é capaz de realizar o ressurgimento intelectual, económico, industrial, político e moral do nosso povo? No Afonso ninguém acredita apesar de se armar em socialista à última hora. O Sérgio é um bem intencionado mas muito fraquinho! Ele andou comigo em cuecas na Ilha de Medan e tive ocasião de apreciar algumas das suas misérias! Acha ele que é preciso não deixar as portas dos liceus abertas a toda a gente,*

<sup>33</sup> (RAPOSO, 1932: 19)

*que é preciso seleccionar, etc.. Seleccionar crianças?! Ele ignora, por exemplo, que o Henri Poincaré teve um zero em prova escrita de matemática no fim do curso dos liceus quando foi fazer o Baccalaureat de Ciências e que por isso estiveram quase para o chumbar. Tenho a impressão que todos estes políticos não valem um pa-taco. Infelizmente tenho que me interessar por estas questões de política porque dela depende a realização dos problemas que me preocupam. Conversando aqui em Paris com o pai do João Maia, ele mostra-se-me um adepto fervoroso dos artigos nos jornais, da propaganda, como único meio de se levar a bom termo a realização de uma ideia. Porque era preciso mostrar a necessidade das coisas, etc. ao povo ...e aos ministros. Estamos numa situação em que é preciso ilustrar os ministros!! É preciso? Vá lá, concordo! Mas aí é que está o grande mal, é que eles são recrutados numa classe de idiotas. O Sr. Doutor sabe muito bem de que natureza são as cabeças que desempenham um lugar preponderante aqui em França na Política. Não são analfabetos! Painlevé, Borel, Henriot, etc. Porque é que não acontece o mesmo em Portugal? Porque é que não há homens? Porque é que em lugar de cabeças, temos caixas com miolos que abundam também nas sepulturas e nos talhos? Porquê? Porque o ensino só é acessível a uma burguesia estafada, cretina e chocha. Aqui, em França, de duas em duas gerações é a gente dos campos (fonte inesgotável de génio e de saúde) que fornece o maior contingente à elite francesa. Ensino gratuito, ensino obrigatório! Aqui está a razão por que nós não temos matemáticos, não temos físicos nem químicos, não temos nada! Socorro, Socorro !!! É a palavra que anda no ar e que ninguém quer pronunciar! Eu bem sei que não é essa a missão da Junta de Educação Nacional. Desculpe-me estar para aqui a dizer coisas que eu sei que está farto de saber mas é...para eu desabafar. Sempre é agradável desabafar com alguém que nos compreende. O facto de eu ter conhecido aqui em Paris meia dúzia de políticos (que já hoje não vejo, nem quero ver) foi uma desilusão, mas foi também um belíssimo esclarecimento.*

*É um desgosto! Que pobreza de espírito e de inteligência. Olhe que não exagero! Em Portugal, por outro lado, há coisas que vão de mal a pior! Tive ocasião de ler agora uma conferência que o Dr. Ferreira de Macedo fez no Liceu Normal sobre o ensino da matemática no liceu e que foi seguida duma discussão. Que desgraça! Discussão e tudo! Não há nada que se aproveite. Fiquei muito mal impressionado e admiti como possível que eu estivesse enganado. Dei a conferência a ler ao Valadares, que a achou tão má ou pior que eu. Ora, eu tinha uma certa consideração pelo dr. Ferreira de Macedo, agora não sei o que hei-de pensar. Estavam presentes na conferência 60 e tal estagiários!! Desculpe-me ter-me alongado tanto, mas eu gosto de conversar com o sr. Doutor, mesmo a esta distância (...) Por hoje não o maço mais. Queira aceitar os respeitosos cumprimentos de minha mulher e do amigo que muito o estima e admira (...) PS — Tenciono ir em Julho a Portugal e penso em fazer nessa altura uma ou duas conferências sobre equações integrais.»<sup>34</sup>*

Cartas deste tipo não são frequentes, embora, devido a possíveis afinidades existentes, se perceba que Aniceto Monteiro, mesmo quando informa Simões Raposo da sua actividade como bolseiro, e fá-lo com uma grande regularidade, permita que se soltem alguns comentários, por vezes depreciativos ou jocosos, sobre personagens políticas conhecidas; eis um outro exemplo de uma carta, acompanhando um relatório da actividade científica, enviada em Fevereiro de 1933:

*Ex<sup>mo</sup> Sr. Doutor Simões Raposo Há bastante tempo que ando para lhe escrever, mas eu já nem sei o que hei-de fazer à minha vida com tanta coisa que tenho a fazer. O primeiro semestre está a acabar e eu não quero deixar de ter os respectivos cursos completamente revistos. A par deste trabalho por assim dizer oficial, ainda tenho muito tempo tomado com a fatal mania de fazer aquilo a que os franceses chamam «recherches» (...) Tudo isto vem a propósito do seguinte. Eu devia mandar por estes dias um relatório para a junta relativo ao primeiro trimestre*

<sup>34</sup>(AFCT: 649, 44)

*deste ano que termina no dia 1 deste mês (...) Como não posso perder um minuto neste momento, eu quero dizer nestes três dias mais próximos, eu resolvi mandar o relatório daqui a 4 dias. O Relatório vai evidentemente com esse atraso, resolvi escrever-lhe esta carta, 1º) para lhe pedir muitas desculpas por esse facto, 2º) para o justificar e para lhe mostrar que não o faço por vadiagem (...) O ano passado (...) consegui poupar além da roupa e do calçado, 1000 francos (que escândalo, diria o António Sérgio, até os bolseiros já juntam dinheiro). Pois essa nota que era destinada a pagar a minha viagem para Portugal e que tinha resistido a todas as tentações que há em Paris, como Josephine Baker, o novo cinema Rex, um passeio a Fontainebleau, etc., etc., [foi utilizada para comprar] camisas, meias, etc. Era a única salvação porque está muito frio (...) Penso em fazer aí em Lisboa uma ou duas conferências. Ainda não escolhi o assunto. Ou faço uma conferência sobre os resultados que eu tenho obtido ou sobre o Princípio ergódico e algumas das suas aplicações (teoria cinética dos gases, mistura de líquidos, etc.). O Valadares anda muito aflito porque está sem saber se lhe prorrogaram a bolsa ou não. Se o senhor doutor o puder informar era um favor. Quando vem a Paris? Quero-lhe mostrar o Caveau des Oubliettes aqui no Bairro Latino. Conhece? C'est inoubliable! (...)<sup>35</sup>»*

As duas transcrições anteriormente expostas revelam explicitamente uma certa animosidade de Monteiro em relação a alguns elementos do Grupo Seara Nova. Esta tensão pode ser interpretada pelo facto do convívio na rua Louis-Blanc não lhe ter deixado boas recordações, o que se reflectia particularmente na pessoa de António Sérgio, ou, então, ele, e também Valadares, já se encontravam em processo de ruptura com o ideário dessa revista oposicionista, na esteira do que fizera Rodrigues Miguéis dois anos antes<sup>36</sup>. Apesar da conferência<sup>37</sup> que má impressão causara a Monteiro, a consideração por Ferreira de Macedo dever-se-á ter mantido, até porque, anos mais tarde, vão colaborar em iniciativas da Sociedade Portuguesa de Matemática.

São vários os relatórios trimestrais e anuais que religiosamente envia para a JEN — é de assinalar que nunca se queixou desta tarefa, embora,

<sup>35</sup> (AFCT: 649, 46) <sup>36</sup> Cf (FITAS, 2004: 44) <sup>37</sup> Esta conferência realizou-se no dia 7 de Maio de 1932 no Liceu Normal de Lisboa e

intitulava-se «Algumas observações críticas sobre os programas e o ensino da Matemática nos liceus».

às vezes, se lamenta da falta de tempo. Percebe-se que, nos relatórios, Monteiro fazia, também para si próprio, o ponto da situação no que diz respeito às tarefas que se tinha proposto cumprir. Estes textos de prestação de contas nunca são um simples e seco enumerado de tarefas, mas há muitos comentários adequados, explanando frequentemente os detalhes científicos. Eis um pormenor do segundo relatório trimestral de 1931–32, correspondente à actividade até aos seis primeiros meses de presença em Paris:

*«Assim um candidato ao certificado de Cálculo Diferencial e Integral tem por professores: Julia, Denjoy, Garnier e Bourion que são respectivamente os símbolos da vivacidade e intuição, do rigor e abstracção, da clareza e minuciosidade, não tendo o último nenhuma destas características.»*<sup>38</sup>

Com o Secretário Geral da JEN que sucede a Luís Simões Raposo, Francisco de Paula Leite Pinto, o interlocutor de Aniceto Monteiro nos anos lectivos de 1934/35 e 1935/36, é possível ter acesso às cópias das respostas oficiais que aquele lhe mandava, pois estão arquivadas nos processos. Com Leite Pinto, Monteiro tem um relacionamento mais próximo, adoptando frequentemente o tratamento de «você», também lhe expõe com muita frontalidade os assuntos referentes à sua situação de bolseiro, mas sem nunca se deter em considerandos sobre a política nacional ou quaisquer personagens com ela relacionadas. Percebe-se que, entre ambos, há uma maior familiaridade: Leite Pinto é cinco anos mais velho que Aniceto Monteiro, frequentara também a Faculdade de Ciências e fora professor do Liceu Camões, escola onde Aniceto iniciara o seu estágio; Leite Pinto tinha sido bolseiro em Paris de 1929 a 1934, onde fez o curso de Engenheiro civil na «École des Ponts et Chaussées»<sup>39</sup>, e fora o primeiro contacto de Monteiro à sua chegada a Paris<sup>40</sup>. Mas Leite Pinto era um apoiante indefectível do «homem de Santa Comba Dão», estava com a ditadura<sup>41</sup>, o que obrigava Monteiro a tomar algumas precauções na linguagem e no tipo de considerandos ideológicos. Numa carta a Rodrigues Lapa, escrevia Leite Pinto: «Neste ninho e pátriade Águias, à ilharga de Santa Comba (onde nasceu, por muito que lhe doa,

<sup>38</sup> (AFCT: 649, 27)

<sup>39</sup> «Foi nomeado, pela Sorbonne, leitor de português, regendo um curso de grande valor sobre a ciência náutica dos portugueses na era dos descobrimentos.» (JEN, 1932:110)

<sup>40</sup> (AFCT: 649, 13)

<sup>41</sup> Leite Pinto, que sobreviverá ao 25 de Abril de 1974, ocupou, no Estado Novo, algumas posições importantes no aparelho de estado. Além de secretário da JEN, foi Ministro da Educação Nacional e Vice-presidente da Junta de Energia Nuclear.

um homem superior) deve-lhe ser grato saber que o Ministro da Instrução da Ditadura Nacional, autorizou ontem transferências nas verbas do (...)»<sup>42</sup>. Quando soube que Leite Pinto era o novo Secretário Geral da JEN, Aniceto Monteiro escreveu-lhe, felicitando-o e, de imediato, passou aos seus problemas concretos enquanto bolseiro:

*«(...) O seu bilhete veio-me mostrar que você entrou já no exercício do seu novo cargo de Secretário Geral (pelo que lhe envio as minhas felicitações) (...) Tenho algumas questões de extrema urgência a tratar: 1º) Em meados de 1933 votou a Comissão Executiva da Junta uma pequena verba de 2000\$00 destinada a umas primeiras aquisições bibliográficas para o Instituto de Matemática. Nesse mesmo mês escrevia-me o Dr. Simões Raposo o bilhete que junto lhe envio, em que ele me punha ao corrente desse facto, em que me dizia: «Talvez já no fim de Dezembro possa ir a primeira prestação de 1000\$00». Peço-lhe que me devolva o bilhete do Dr. Simões Raposo por carta registada ou que mo guarde aí em Lisboa até à minha próxima chegada. Eu e o Zaluar comprámos uma meia dúzia de livros. Uma pequena despesa que não chega, se não me engano, a 100 fr. Por outro lado eu frequentei este ano o seminário inaugurado (neste mesmo ano) pelo Julia. O programa deste ano era «Théorie des groupes et des Algèbres». Os especialistas Dubreuil, Chevalley, Possel, Dieudonné, E. Cartan, Weil e Marty fizeram um conjunto de lições sobre o assunto que foram dactilografadas e vendidas aos frequentadores do seminário que desejarem adquiri-las. Eu resolvi assinar essas publicações convencido que adquiria assim para o Instituto Matemático uma raridade bibliográfica. (...)»<sup>43</sup>*

A referência nesta carta, cuja data de entrada na JEN é de 11 de Julho de 1934, ao «Instituto de Matemática», e para o qual já iniciara a assinatura de publicações, é reveladora da persistência que colocava na realização de um dos seus objectivos iniciais, a «organização dum Centro de Estudos Matemáticos». Era preciso que Junta se habituasse a uma nova estrutura vocacionada para a investigação em Matemática.

<sup>42</sup>(MARQUES ET AL., 1997: 56) <sup>43</sup>(AFCT: 1429, 6)

É com Leite Pinto que, no final de 1935, discute a necessidade da JEN lhe prorrogar a bolsa até ao final do ano lectivo de 1935/36, de modo a conseguir redigir a dissertação de doutoramento e vir para Portugal já doutorado. O Secretário Geral da Junta apoia a sua pretensão, escrevendo-lhe em meados de Novembro de 1935, em resposta a uma carta desesperada do bolseiro:

*«(...) Se eu já não estivesse convencido que você tem uma centelha de génio, ficava só com a leitura das suas cartas. Só um homem «cintilante» pode escrever uma carta como a sua última. Você anda tão arredado das realidades dos factos e do momento actual que chega a ofender! A resolução do seu caso não é fácil, mas pode ficar certo que a Junta fará o impossível por prorrogar a sua bolsa. Faça você o impossível por acalmar os nervos e apressar o Fréchet. Não venha a 15 de Dezembro e, sem se impacientar, aguarde uma carta minha com explicações. É com a carta que tem de aguardar a sua oportunidade. Não compreende estes mistérios burocráticos? Também eu nunca compreendi as métricas não euclidianas nos espaços de Hilbert!<sup>44</sup> Admirador e amigo sincero, o camarada (...)*»

Mas, tal como acontecia com Simões Raposo, a grande preocupação do bolseiro António Monteiro em relação ao Secretário Geral da JEN, mesmo se com ele tinha uma maior familiaridade no trato, era dar conta do seu trabalho de estudante na Sorbonne, exigindo sempre da parte da JEN que satisfizesse aquilo que considerava serem as condições mínimas para trabalhar; o que é ilustrado na carta enviada em Junho de 1935:

*«(...) Minha mulher partiu para Lisboa no dia 8 deste mês por causa do meu pequeno. Como você sabe o clima de Paris é mau para os miúdos. Com as despesas da viagem o resultado foi o seguinte. Minha mulher chegou a Lisboa no dia 12 com 80\$00. Eu, depois de me instalar num quarto de 280fr., tive que pedir 300 fr. Para comer até ao fim do mês (o almoço e o jantar são as minhas únicas refeições) não posso gastar mais do que 6 fr. por refeição e começo portanto a enfraquecer. Minha mulher está sem dinheiro. Em casa da minha mãe (onde ela está com o miúdo) não há dinheiro para sobremesa há dois ou três anos. Imagine*

<sup>44</sup> (AFCT:1429, 50)

*portanto você a situação em que me encontro. Veja se é possível pagarem-me o dinheiro a que tenho direito para a viagem de regresso. Em 1931 davam 1000\$00. É isso que ficou assente nos contratos que eu assinei. É natural que tenham aumentado os subsídios de viagem em vista da situação cambial. Seja o que for, peço-lhe para entregar a minha mulher o dinheiro da viagem. Creio que é possível fazê-lo mandando-me você um recibo análogo ao que passam quando se recebe aí o dinheiro. Já tem acontecido por vezes receber aqui a bolsa num cheque Borges e Irmão acompanhado desse tal recibo. (...)*<sup>45</sup>

#### **4 Os cursos a que assistiu na Sorbonne e no Collège de France**

A meados de Novembro de 1931, mês e meio após a sua chegada a Paris, Monteiro enviou notícias para o Secretário Geral da JEN e, entre outras indicações, informava sobre quais os cursos a que começou a assistir:

*«(...) estou actualmente seguindo as lições de: Julia — Lições de Geometria Diferencial, Julia — Teoria das funções analíticas e Teorema sobre a existência das equações às derivadas Parciais Denjoy — Cálculo Diferencial Garnier — Complementos de Álgebra e de Análise Bourion — trabalhos práticos de Análise. Estava seguindo o curso de Fréchet, «Sobre equações integrais», mas creio que tenho de o abandonar por incompatibilidade de horário. Assisti também a 4 conferências:*

*M. Von Mises — Prof. da Univ. de Berlim, três conferências sobre «Cálculo das probabilidades, fundamentos e aplicações» Milikan — norte-americano, uma conferência sobre «Radiação cósmica». No dia 11 de Dezembro começo com o Colégio de França. Durante o 1º semestre, chego a ter que trabalhar pelo menos 8 horas por dia. Tenho também autorização para trabalhar na Biblioteca do Instituto H. Poincaré. Ontem estive a estudar ao lado de Hadamard (...) Este meio é*

<sup>45</sup> (AFCT:1429, 24)



*qualquer coisa de fantástico. O nosso meio matemático é miserável e ridículo (...)*<sup>46</sup>»

Também na mesma carta, Monteiro informa que foi Fréchet que o aconselhou a «seguir os Cursos de Cálculo Diferencial e Integral da Sorbonne, para obter uma preparação basilar»<sup>47</sup>, bem como a acompanhar «os cursos do Colégio de França e as conferências do Seminário de Matemática que me interessassem (...) Nesses cursos e conferências apresentam-se em regra resultados novos e indicam-se as questões importantes a resolver.»<sup>48</sup> É pelos relatórios trimestrais, embora faltem alguns, e por todos os relatórios anuais enviados que se pode fazer um calendário, tão completo quanto a informação

Colégio de França e do Seminário de Matemática em Paris. Monteiro dá informações sobre

o funcionamento das instituições que frequenta, em particular o Instituto Henri Poincaré, e sobre as condições de trabalho,

*«(...) Encontro em Paris todos os elementos de que preciso para o bom aproveitamento do meu estágio. Apenas duas circunstâncias têm impedido que o meu trabalho se realize em condições normais: 1) as deficiências de preparação que trazia de Portugal; 2) a insuficiência dos recursos de que disponho para a aquisição de livros. Principalmente este segundo factor tem-me sido extraordinariamente prejudicial, porque me obriga a empregar longas e preciosas horas em trabalho de cópia na Biblioteca (...)*<sup>49</sup>»

Guardando para o final, sob o título de «Observações», alguns considerandos sobre o ensino das matemáticas em Portugal,

*«(...) O ensino das Matemáticas em Portugal está organizado por forma tal que as características da educação recebida por um licenciado em Ciências Matemáticas são as seguintes: 1) ignorância de uma enormidade de conhecimentos basilares; 2) educação enciclopédica de que resulta o*

<sup>46</sup>(AFCT: 649, 14) <sup>47</sup>Ibid. <sup>48</sup>Ibid. <sup>49</sup>(AFCT: 649, 20)

3) conhecimento superficial de todas as matérias estudadas 4) ausência quase completa de espírito crítico 5) ausência de iniciação aos métodos de investigação de que resulta 6) um interesse nulo pela investigação científica. Estas afirmações são duma gravidade extraordinária e não há ninguém que seja capaz de provar o contrário (...)<sup>50</sup>»

Se na maioria dos casos se mostra muito crítico em relação ao ensino universitário nacional, sobretudo pelo «enciclopedismo» e pela ausência de qualquer estímulo crítico, também, quando é caso para o fazer, faz justiça aos conhecimentos fundamentais que adquiriu na sua licenciatura; assim ao referir-se ao curso de Denjoy, «Sur les nombres dérivés des fonctions», acrescenta:

*«Trata-se de um curso essencialmente especializado e com uma frequência muito reduzida. Apesar de até hoje só se terem ainda realizado umas cinco lições tenho por ele um interesse enorme. Não devo deixar de dizer que representam para mim a única possibilidade de seguir estas lições, o facto de ter adquirido na Faculdade de Ciências de Lisboa uma sólida preparação sobre a «teoria dos conjuntos»»*<sup>51</sup> .

Deste ensino fora responsável Pedro José da Cunha na introdução às suas lições de Cálculo Infinitesimal<sup>52</sup> . É possível, por consulta de todos os relatórios enviados, retirar, entre outras informações, todos os cursos a que António Monteiro assistiu e, aqui, o assistir é muito mais do que estar presente nos anfiteatros, é ter estudado. Poupano alguns detalhes que constam nos relatórios e cartas, apresenta-se toda esta informação sintetizada no QUADRO III<sup>53</sup> . Os relatórios de Monteiro estão recheados de apreciações sobre os cursos a que assistia e, em particular, sobre a importância destes para outras disciplinas. Assim, no seu relatório do segundo trimestre do ano lectivo de 1934–35, dedica uma página dactilografada a caracterizar o curso de Gaston Julia, «La Théorie

<sup>50</sup> *Ibid.* <sup>51</sup> (AFCT: 649, 27) <sup>52</sup> «Logo que introduzi nos meus cursos a Teoria dos Conjuntos, a prática do ensino

foi-me sugerindo reflexões que mais tarde me decidi a publicar (...)» (CUNHA, 1936: 95). <sup>53</sup> Adoptou-se a transcrição dos títulos que constam nos relatórios de António Aniceto Monteiro.

des formes quadratiques finies ou infinies», concluindo: «os seus [de Julia] cursos interessam a duas categorias de estudiosos: os que têm por objectivo estudar a mecânica moderna e os que, sem terem esse objectivo, se interessam pelos assuntos de matemática pura por ele estudados. Eu pertença a esta última categoria»<sup>54</sup>. E esta referência à mecânica moderna é uma alusão clara à Mecânica Quântica, disciplina que na época absorvia a atenção da grande maioria dos físicos teóricos e também dos físicos matemáticos. No mesmo relatório, umas páginas a seguir, escrevia: «o melhoramento do nível cultural da Física em Portugal não é possível sem uma preparação matemática conveniente, porque para o estudo da Física Moderna (...) é hoje em dia necessário um número cada vez maior de conhecimentos de análise pura»<sup>55</sup>. Os problemas da «Física Moderna», a sua importância, são uma constante nas chamadas de atenção que Monteiro fazia sobre a necessidade de aprofundar os conhecimentos em matemática; a Física, em geral, merece-lhe uma grande atenção, logo na carta que acompanha o primeiro relatório trimestral enviado (correspondente aos primeiros três meses de estada em Paris) escreve,

*«(...) Massacram-se gerações de desgraçados com um ensino pomposo mas balofo e o resultado é eles saírem das escolas mal preparados. Tanta energia mal aproveitada!! E qual será a miserável preparação dos licenciados em física e em química? Quando é que se poderá criar em Portugal uma cadeira de Teorias Físicas? .... Isso é que é o diabo! A Física moderna não é para Bebés nem para idiotas. Ora na nossa Terra abundam os idiotas, os balofos, os pretensiosos e os ignorantes. Não foram peneirados no Liceu nem na universidade. E falta-lhe essencialmente uma cultura matemática já não digo elevada mas basilar. Quantas pessoas em Portugal estudaram ou podem estudar Mecânica dos Quanta, Mecânica Ondulatória, relatividade, etc.(...)»<sup>56</sup>*

Para nesse mesmo relatório, ao descrever o Instituto Henri Poincaré, apontar que nele há «conferências (muito frequentes), feitas em regra por sábios estrangeiros, [onde] têm sido tratados exclusivamente, até esta altura, assuntos de Física Matemática, Cálculo das Probabilidades e Teorias Físicas».

<sup>54</sup> (AFCT:1429, 22) <sup>55</sup> *Ibid.* <sup>56</sup> (AFCT: 649, 20)

Augusto J. S. Fitas

1931–32	
<b>QUADRO III</b>	
<b>Faculdade de Ciências</b> (retirada dos relatórios, dos cursos assistidos em Paris por A. Monteiro)	
Théorie des fonctions analytiques et les théorèmes de l'existence sur les équations différentielles	G. Julia
Applications géométriques de l'Analyse	G. Julia
Cours de Calcul Différentiel et Intégral	A. Denjoy
Compléments d'Algèbre et d'Analyse	Garnier
Compléments sur la théorie des équations différentielles	Garnier
Quelques questions sur les équations intégrales	E. Goursat
Travaux pratiques d'Analyse	Bourion
<b>Collège de France</b>	
Seminário de Matemáticas	J. Hadamard
1932–33	
<b>Faculdade de Ciências</b>	
Teoria das Equações Integrais	M. Fréchet
Teoria dos acontecimentos em cadeia	M. Fréchet
Comportamento assintótico dos núcleos iterados de Fredholm	M. Fréchet
Teoria das séries hipergeométricas a uma ou mais variáveis	E. Goursat
Funções harmónicas	P. Montel
Iterações das fracções Racionais	G. Julia
<b>Collège de France</b>	
<i>continua na próxima página</i>	

Seminário de Matemáticas	J. Hadamard
<b>1933–34</b>	
<b>Faculdade de Ciências</b>	
Analyse <i>Sytus Plane</i>	A. Denjoy
Effet, sur le nombre de dimensions d'une transformation ponctuelle univoque ou biunivoque, continue ou bicontinue	M. Fréchet
Séries trigonométriques, équations différentielles et aux dérivées partielles, calcul des variations	A. Denjoy
Travaux pratiques d'Analyse	Bourion
Seminário (Inst. H. Poincaré) «La Théorie des groupes et les Algèbres»	G. Julia
Iniciação ao estudo da Lógica Moderna em conjunto com Destouches, Kurepa, Loev e Petiau (investigadores que trabalham no Inst. H. Poincaré)	
<b>Collège de France</b>	
Seminário de Matemáticas	J. Hadamard
<b>1933–34</b>	
<b>Faculdade de Ciências</b>	
La Théorie des formes quadratiques finies ou infinies	G. Julia
La Topologie combinatoire	M. Fréchet
Comportamento assintótico dos núcleos iterados de Fredholm	M. Fréchet
Teoria das séries hipergeométricas a uma ou mais variáveis	E. Goursat
Seminário (Inst. H. Poincaré) «Espace de Hilbert»: •Généralization de von Neumann (Chevalley) •Mesure de Haar (A. Weil) •Représentation des groupes de Haar (Delsarte) •Les travaux de Carleman sur les équations intégrales singulières à noyaux symétriques (Leray) •Applications des fonctions presque-périodiques (A. Weil)	G. Julia
<i>continua na próxima página</i>	

### QUADRO III – conclusão

Collège de France	
Seminário de Matemáticas	J. Hadamard
La théorie des surfaces applicables sur le plan	H. Lebesgue
Les équations fonctionnelles	J. Leray

Os cursos da Sorbonne e do Collège de France são, para António Aniceto Monteiro, o meio de completar a sua formação, contudo o seu objectivo principal era iniciar-se no trabalho de investigação. É exactamente no cumprimento deste propósito que, logo desde o primeiro relatório, vai colocando os responsáveis da JEN a par dos progressos no seu trabalho de pesquisa em matemática cujo mentor é o Professor Maurice Fréchet.

## 5 A investigação e a figura tutelar de Fréchet

No relatório que António Monteiro apresenta para justificar a sua candidatura a uma bolsa em Paris, é muito claro nos propósitos que defende, mas é parcimonioso nos pormenores que sustentam essas metas: por exemplo, propõe-se «a plena iniciação em trabalhos de investigação», mas nada acrescenta com quem o fará. É preciso esperar pela primeira carta enviada para a JEN, para se desvendar um pouco o mistério,

*«Sr. Dr. Simões Raposo*

*Tinha prometido a V. Ex.<sup>a</sup>, na primeira carta que lhe escrevi, enviar-lhe algumas informações sobre a minha situação. Como trazia uma carta para o Professor Maurice Fréchet, fui procurá-lo e pedir-lhe alguns conselhos sobre a maneira de orientar os meus estudos na Sorbonne. Deu-me os seguintes conselhos:*

1 *Que não merecia a pena tirar a licenciatura em Ciências Matemáticas porque há equivalência entre a Licenciatura da Fac. de Ciências de Lx e as da Sorbonne. Não sei se V. Ex.<sup>a</sup> se lembra que já tínhamos chegado a esta conclusão;*

2 *Que, como eu pensava em me dedicar a investigações matemáticas, teria a máxima vantagem em seguir os Cursos de Cálculo Diferencial e Integral da Sorbonne, para obter uma preparação basilar.*

3 *Sobre os trabalhos de investigação deu-me as seguintes indicações:*

*A) Seguir os cursos do Colégio de França e as conferências do Seminário de Matemática que me interessassem (começam no dia 11 de Dez.). Nesses cursos e conferências apresentam-se em regra resultados novos e indicam-se as questões importantes a resolver. B) Que contasse antecipadamente com a ingratidão do trabalho de investigação, mas que não desanimasse porque esta actividade me permitiria obter uma maior e melhor formação matemática.*

*4. Se tivesse a felicidade de obter resultados importantes, pensasse nessa altura em me doutorar. Mas como neste momento não posso adivinhar o futuro, aconselhou-me que me matriculasse com o fim de obter o Diploma de estudos superiores de matemática, para o qual também é preciso fazer uma Tese, mas de muito menor importância que uma tese de doutoramento. Que durante os três anos que tenciono aqui estar, muito poderei fazer, mas que de início era esta a melhor forma de dirigir a minha actividade (...)<sup>57</sup>» .*

Isto é, quando chega a Paris, Monteiro vai munido de uma carta de recomendação para Maurice Fréchet, uma carta que não é conhecida, mas, pelos efeitos provocados — o matemático francês é um conselheiro eficaz e decisivo — mostra ter sido determinante na carreira deste bolseiro da JEN. A carta entregue a Fréchet deveria abordar as características de trabalho de Monteiro, os objectivos da sua bolsa e estaria escrita num tom objectivo e persuasivo...provavelmente um texto na linha daquele que Pedro José da Cunha tinha enviado para a JEN como carta de recomendação. Este professor estava a par do que se fazia por Paris, a ligação internacional dos cientistas portugueses passava primordialmente por França, é portanto natural que se possa conjecturar ter sido ele o autor da missiva dirigida ao matemático francês e entregue em mão própria pelo bolseiro. E, a partir deste encontro, percebe-se, através de todas as mensagens enviadas por Aniceto Monteiro para a JEN, que Maurice Fréchet será o orientador efectivo do seu trabalho de investigação.

Numa carta a que já se fez referência, enviada em Fevereiro de 1933, António Aniceto Monteiro faz um primeiro resumo dos seus trabalhos de investigação científica:

*«(...) [sobre a investigação] Tem-se feito alguma coisa neste domínio:*

<sup>57</sup> (AFCT: 649, 14)

1º) Completei o trabalho que enviei à junta em Julho do ano passado quando queria ir a Zurich. 2º) Consegui exprimir a função característica da soma de dois núcleos numa equação de Fredholm em função das funções características de cada um dos núcleos e dos respectivos menores. Mostrei este trabalho ao professor Fréchet que o achou correcto, mas que não me soube dizer se esse resultado era conhecido. De modo que até nova ordem, gaveta! 3º) Consegui depois exprimir a resolvente da soma de dois núcleos permutáveis em função dos resolventes de cada um deles. Já participei este resultado a Fréchet, mas ainda não tive tempo para redigir os resultados para que ele pudesse ver. Devo-o fazer em breve. 4º) No estudo das cadeias descontínuas de Markoff, consegui mostrar que o caso mais geral até hoje estudado (Romanovsky) em que se considera uma cadeia em que a probabilidade de realização de um determinado acontecimento depende do resultado das  $m$  provas precedentes, pode por sua vez ser considerado como um caso muito particular de cadeias mais complexas. Estas últimas têm a vantagem de dispensarem novas demonstrações porque mostrei que, dum maneira geral, todas as demonstrações das cadeias simples lhe são aplicáveis. O Fréchet tem este trabalho entre mãos e espero o resultado da sua apreciação. 5º) Há perto dum semana descobri a origem da estrutura dos núcleos principais dum equação integral de Fredholm. É o assunto em que trabalho actualmente e é também o resultado mais interessante que até hoje tenho obtido. Entreguei ontem ao Fréchet uma parte deste trabalho. Resta-me ainda a precisar nalguns pontos as demonstrações para os casos mais complexos. Ando apaixonado por este trabalho, entre outras razões porque é bonito e divertido. Não julgue que estou a brincar, em matemáticas há coisas divertidas! (...)<sup>58</sup>» .

E no final desse ano lectivo, o segundo passado em Paris, o seu relatório anual é acompanhado do primeiro relatório manuscrito, e em papel timbrado do Instituto Henri Poincaré, de Maurice Fréchet que se transcreve na íntegra:

«Rapport au sujet des travaux de M. Monteiro

<sup>58</sup> (AFCT: 649, 46)



*Pendant l'année scolaire 1931–32, M. Monteiro a suivi assidûment plusieurs cours de Mathématiques d'ordre élevé dont il a tiré grand profit. Il a aussi cherché sa voie en ce qui concerne les recherches. Pendant l'année scolaire 1932–33, M. Monteiro a continué à suivre avec fruit plusieurs cours et il a abordé sur mon conseil l'étude de plusieurs problèmes. Il a émis des idées intéressantes sur plusieurs de ces sujets prouvant ainsi qu'il sera susceptible d'originalité. Une prolongation de son séjour lui sera utile pour s'accoutumer tout à fait à la rigueur moderne et pour mettre au point les différents mémoires qu'il m'a remis et qui concerne surtout la théorie des équations intégrales et celles des probabilités.*

*M. Fréchet Professeur à la Faculté des Sciences de  
Paris»<sup>59</sup> .*

No relatório enviado referente ao ano lectivo de 1933–34, Aniceto Monteiro coloca a informação seguinte sobre os seus trabalhos científicos: (publicados) «Sur les noyaux additifs dans la théorie des équations intégrales de Fredholm», nota publicada nos «Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris t. 198, p. 1737, séance du 14 Mai 1934» em que resume uma parte dos resultados obtidos nos meus estudos sobre a equação integral de Fredholm durante os meses de Junho a Dezembro de 1933»<sup>60</sup> ; (a publicar) «Sur une classe d'équations integro-fonctionnelles linéaires», «Sur la méthode de Carleman dans l'étude de la résolvante d'un noyau de Fredholm», «Sur les noyaux périodiques à la longue», «Sur les matrices additives à une matrice donnée». Nesse mesmo relatório informa que «Realizei na Faculdade de Ciências de Lisboa duas conferências, uma no mês de Julho de 1933, «As equações integrais de Fredholm e a teoria dos acontecimentos em cadeia», outra em Outubro do mesmo ano sobre a aditividade dos núcleos de Fredholm». A meio do seu estágio por terras de França, Monteiro dava a conhecer aos matemáticos de Lisboa o resultado da sua investigação...

O ano lectivo seguinte (1934/35) é decisivo para a actividade de investigação de Monteiro. Apresenta uma nova comunicação à Academia de Paris que é publicada — «Sur une classe de noyaux de Fredholm développables en série de noyaux principaux», Comptes Rendues de l'Académie des Sciences de Paris, T. 200, 1er sem, 1935 (p. 2413)<sup>61</sup> — e faz duas conferências:

<sup>59</sup> (AFCT: 649,  
58) <sup>60</sup> (AFCT: 649,  
80) <sup>61</sup> (AFCT: 1429,  
62)

«(...) em Paris na Sociedade Matemática de França a convite do seu presidente, o Professor da Sorbonne, Maurice Fréchet, uma conferência [Abril] sobre os seus trabalhos relativos à aditividade dos núcleos de Fredholm e uma outra de sua iniciativa, na mesma sociedade, sobre os núcleos regulares. Nestas duas conferências expôs os seus trabalhos que foram apresentados à Academia de Ciências de Paris»<sup>62</sup>

Isto é, havia matéria original suficiente para avançar para o doutoramento, o que era reconhecido por Maurice Fréchet no relatório que enviou no final deste ano lectivo. Após uma análise circunstanciada do trabalho de António Monteiro, o matemático francês conclui:

«(...) Il serait à la fois naturel et légitime de donner une consécration à l'ensemble de ces travaux en les présentant pour une Thèse de Doctorat. Et je suis tout disposé à donner un avis favorable quand la demande m'en sera faite par M. le Doyen de la Faculté des Sciences de Paris. J'exprime très vivement le vœu que les moyens soient donnés à M. Monteiro de procéder à la rédaction systématique de l'ensemble de ses résultats, tout en poursuivant — pour mettre un peu de variété dans ce travail un peu rebutant — ses dernières recherches en cours. J'ajoute que M. Monteiro rédige très clairement et qu'au cours d'une conférence qu'il a fait sur ma demande, à la Société Mathématiques de France, j'ai été frappé de la clarté de son exposé. Quand il reviendra au Portugal, ce pays aura en lui en même temps qu'un mathématicien distingué de plus, un professeur de tout premier ordre. Sa personnalité sympathique laissera ici beaucoup de regrets. Maurice Fréchet»<sup>63</sup>

É no final do seu quarto ano de estágio em Paris que o seu tutor, perante os resultados obtidos nos últimos três anos de trabalho, se dispõe a dar o seu parecer favorável para a admissão da sua tese de doutoramento na Universidade de Paris. Perante este parecer de Maurice Fréchet, o problema que se coloca a António Monteiro, já com «terra à vista», é conseguir que a JEN lhe prorrogue por mais um ano a sua bolsa. Sem este assentimento da Junta, a «terra à vista» não passaria de uma miragem...

<sup>62</sup> Ibid. <sup>63</sup> (AFCT : 1429, 62)

## O doutoramento e o prolongamento da bolsa

A acompanhar o relatório de Fréchet a que se acabou de aludir, António Monteiro envia ao Presidente da JEN, no dia 25 de Junho de 1935, uma longa carta no sentido de pedir a prorrogação da bolsa, agora já não para continuar o seu estágio, mas sim com o objectivo claro de redigir e apresentar a sua dissertação de doutoramento:

*«(...) Com efeito a maior parte dos resultados que eu tenho obtido nos meus estudos, ainda não foram até hoje redigidos duma maneira sistemática pela simples razão de que eu me tenho acima de tudo preocupado, durante o meu estágio, em cumprir o objectivo a que me tinha fixado. E esse objectivo consistia precisamente na aquisição duma boa técnica e na formação do meu espírito. Por isso sempre tenho posto de lado a ideia de me comprazer na publicação e na posterior contemplação dos resultados adquiridos. É certo que a redacção e a publicação dos meus trabalhos me permitiriam uma demonstração rigorosa e indiscutível do proveito do meu estágio, mas também é certo que o tempo perdido nesse trabalho de importância secundária constituiria um prejuízo para*

*o aproveitamento do mesmo. Por isso me limitei a indicar nos meus relatórios, duma maneira geral, os trabalhos de investigação realizados. A JEN de que V. Ex.<sup>a</sup> é o Presidente tem-me feito confiança e se eu não posso afirmar que foi bem merecida, posso hoje pelo menos afirmar que essa confiança foi proveitosa, como se pode concluir pela leitura do relatório do Professor da Sorbonne Maurice Fréchet, sobre os meus trabalhos científicos que junto envio a*

*Ex.<sup>a</sup> (...) Com efeito, este ano do meu estágio permitiu-me obter novos resultados que junto aos resultados anteriormente obtidos me permitem neste momento estar em condições de me apresentar como candidato ao grau de Doutor em Ciências Matemáticas pela Universidade de Paris. Devo confessar que eu não esperava obter este resultado com mais este ano de estágio. Trata-se na realidade da mais alta recompensa aos meus esforços que eu poderia ter. Creio portanto poder afirmar que a orientação que sempre tenho dado à minha actividade é susceptível de*

*conduzir um bolsheiro a resultados seguros e que ela é preferível ao culto do artifício que nunca foi a minha especialidade. Se é possível dar uma prova de reconhecimento à confiança com que a JEN me tem honrado, queira V. Ex.<sup>a</sup> Sr. Presidente, considerar o resultado dos meus esforços como tal. Nestas condições, julgando que a obtenção do diploma de Doutor em Ciências Matemáticas pela Universidade de Paris deve ser considerado como aspiração natural da minha parte em virtude da opinião favorável do Prof. M. Fréchet, e julgando por outro lado que ele sancionaria oficialmente todos os meus esforços e confirmaria a opinião que na Junta se tem formado a meu respeito – opinião que se traduz pelo menos no facto de me subsidiarem como bolsheiro durante 44 meses – , peço a V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, que me seja prorrogado o meu estágio com o fim de sustentar a minha tese em Paris (...) Por outro lado a minha estadia em Paris permitir-me-ia uma execução mais rápida do meu trabalho, visto que o próprio Fréchet tem que acompanhar como rapporteur da minha tese a sua redacção (...) Só aqui eu poderei encontrar os elementos de trabalho necessários para a preparação da 2<sup>a</sup> tese e só aqui eu tenho a certeza prévia de encontrar um especialista que me possa orientar no trabalho que me for proposto. Pelas razões indicadas parece-me portanto indispensável prolongar por um ano o meu estágio se V. Ex.<sup>a</sup> é de opinião que eu devo fazer a minha tese de doutoramento em Paris (...)<sup>64</sup>»*

Após este pedido, a JEN solicitou a Pedro José da Cunha um parecer sobre a prorrogação, cuja resposta é inequívoca: deve ser prorrogada a bolsa! Atente-se na rápida resposta do catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa: o pedido de parecer é enviado a 4 de Julho e ele responde a 8 do mesmo mês. Na posse deste parecer a JEN, pela mão do seu Secretário Geral, decide: «Proponho que a Junta prorogue a bolsa de que é titular

o sr. Monteiro até ao fim do ano corrente»<sup>65</sup>. Com data de 26 de Julho é enviada ao requerente a notificação da decisão da JEN que será oficialmente publicada no Diário do Governo de 13 de Agosto...

António Monteiro recebeu a informação e não a contesta; em 15 de Setembro de 1935 escreve à JEN informando-a que, desde essa data, se en

<sup>64</sup>(AFCT:1429,  
30) <sup>65</sup>(AFCT: 1429,  
35)

contra em Paris<sup>66</sup>. Nesta cidade trabalhava afanosamente na redacção da sua tese e, por outro lado, deve ter tentado informar Fréchet (ausente de Paris desde Julho, como se verá na citação seguinte) sobre as condições que lhe davam: acabar o doutoramento até ao fim desse ano civil. Em 24 de Outubro escreveu a Leite Pinto:

*«(...) O Fréchet partiu em meados de Julho para o estrangeiro. Começou por ir passar as suas férias na Áustria. Só regressa a Paris em finais de Novembro ou princípios de Dezembro. Só nessa altura portanto é que ele pode começar a examinar a minha tese que eu conto ter nessa altura redigida pelo menos quase completamente. Como sabe ele tem que apresentar um relatório, sem o qual eu não posso ter o «permis d'imprimeur». O relatório só será redigido a partir do momento em que tivermos chegado a um acordo sobre a redacção da tese. A partir do mesmo momento a impressão da tese pode começar (...) Tudo depende do tempo que o Fréchet levar a examinar a minha tese, e isso depende dos afazeres que ele tem no momento. É preciso também contar com o tempo que eu levarei a remodelar a redacção (...) a tese terá que ser copiada à máquina e só depois é que poderá começar a impressão (...) Isto é: data possível do início da impressão da tese, fins de Janeiro (...) Possivelmente só poderei portanto defender a minha tese no mês de Maio ou Junho (...) Por isso pedi a prorrogação da minha bolsa por um ano (...) Além disso se a minha bolsa não pode ser prorrogada, como eu não faço o meu doutoramento até Dezembro, não estou aqui a fazer nada e acho portanto que não se deve gastar dinheiro inutilmente (...)»*<sup>67</sup>

A carta prolonga-se com vários detalhes sobre a impressão da tese<sup>68</sup> e no dia 9 de Novembro enviava uma nova carta para Leite Pinto, longa como a

<sup>66</sup> (AFCT: 1429, 42/2) <sup>67</sup> (AFCT: 1429, 47) <sup>68</sup> Nesta carta escrevia, «o Valadares foi nessa altura falar comigo a respeito da fundação

de uma revista matemática», e Monteiro propunha a Leite Pinto a possibilidade de edição, com apoio da JEN, de uma revista matemática em Portugal com carácter internacional (são sugeridos os nomes *Acta Matemática Portuguesa* ou *Lusitânia Matemática*), onde eventualmente a sua tese fosse editada, pois «procurarei, acima de tudo, não sepultar a minha tese nos Arquivos da Universidade de Lisboa»; refere ainda que, além dos contactos que tem em França, Mira Fernandes e Ruy Luís Gomes também poderiam ser futuros colaboradores da tal revista...

anterior, insistindo nos argumentos já expostos, mas em que o tom é mais desesperado,

*«(...) Estou bastante inquieto pelo facto de você ainda me não ter respondido a uma longa carta que lhe escrevi há 15 dias (...) Como se trata duma questão muito grave para a minha vida pedi ao João Maia o favor de lhe entregar esta [carta] pessoalmente para que eu possa assim ficar descansado. O Maia parte amanhã de manhã para Lisboa. Eu acho extraordinário que se a Junta prevê por acaso dificuldades na prorrogação da minha bolsa, que nunca me tivesse prevenido. O que eu acho ainda mais extraordinário é que: tendo eu pedido a prorrogação da minha bolsa só para me doutorar a Junta ma tivesse prorrogado só até Dezembro. Das duas uma: ou a Junta entendia que eu me devia doutorar e então prorrogava-me a bolsa até eu me doutorar ou a junta entendia que eu não me devia doutorar e não me prorrogava a bolsa (...)*»<sup>69</sup>

Leite Pinto responde-lhe com a carta a que já se fez referência<sup>70</sup> e, finalmente, a 4 de Dezembro de 1935, o chefe da secretaria da JEN informava:

*«(...) Cumpre-me comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que a Comissão Executiva, na sua última sessão resolveu conceder a V. Ex.<sup>a</sup> uma prorrogação da bolsa de mais cinco meses. Desta forma o estágio de V. Ex.<sup>a</sup> em França prolongar-se-á até 31 de Maio de 1936, mas esta data não pode ser ultrapassada em caso nenhum. O Sr. Secretário Geral, que hoje partiu para Madrid em missão urgente de serviço público, escreverá a V. Ex.<sup>a</sup> no próximo dia 12, em que regressa. Desde já devo informar V. Ex.<sup>a</sup> que a Comissão Executiva da Junta foi de parecer que a tese de V. Ex.<sup>a</sup> deve ser impressa como separata dos Anais da Faculdade de Ciências do Porto. A bem da Nação (...)*»<sup>71</sup>

De facto não só Leite Pinto escreverá a Aniceto Monteiro em 19 de Dezembro uma carta, encimada pela epígrafe «PARTICULAR», onde lhe ex-

<sup>69</sup> (AFCT: 1429, 49) <sup>70</sup> Vide carta referente à nota 44 <sup>71</sup> (AFCT: 1429, 53)

plicava todas as decisões da Junta, incluindo aqui a directiva da dissertação de doutoramento, «Sur l'additivité des noyaux de Fredholm», ser publicada, em primeira edição, pelos Anais da Faculdade de Ciências do Porto. É o que acontecerá, embora, posteriormente, no ano de 1937, surja a segunda edição no número inaugural da *PORTUGALIAE MATHEMATICA*, a tal revista científica internacional de matemática publicada em Portugal...

O resto da história, após o regresso a Portugal, já é conhecido e, pelo exposto, pode concluir-se: os cinco anos parisienses de António Monteiro constituíram uma aprendizagem decisiva para aquilo que viria a ser a sua prática futura.

## Agradecimentos

Toda esta pesquisa só foi possível graças à colaboração da direcção da Fundação para a Ciência e Tecnologia na consulta ao seu arquivo. Cabe aqui um agradecimento particular, e muito especial, à Eng.<sup>a</sup> Gabriela Lopes da Silva, da Direcção de Serviços de Informação e Documentação desta Fundação, actualmente já aposentada, pelo apoio inextinguível que nos prestou em todos os passos da nossa consulta deste arquivo, bem haja! Ainda dois agradecimentos necessários: à Prof.<sup>a</sup> Fátima Nunes, pelo apoio na consulta e reprodução de toda a documentação; à Dr.<sup>a</sup> Katia Monteiro cuja revisão cuidada contribuiu decididamente para a «limpeza» deste texto.

## Referências

- [1] ARQUIVO DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA, sempre designado por AFCT.
- [2] BOYER, C. and MERZBACH, U. C., 1991, *A History of Mathematics*, New York, John Wiley & Sons.
- [3] COSTA, A. Celestino, 1934, *A Junta de Educação Nacional*, Lisboa.
- [4] CUNHA, Pedro José da, 1936, *Sobre as noções fundamentais da Teoria dos Conjuntos*, Memórias da Classe de Ciências da Academia de Ciências de Lisboa, vol. I, 95–170.
- [5] FARIA, Cristina, 2000, *As Lutas estudantis contra a ditadura militar (1926–1932)*, Lisboa, Edições Colibri.

- [6] FARINHA, Luís, 1998, *O Revirvalho. Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo 1926–1940*, Lisboa, Editorial Estampa.
- [7] FITAS, A. J. e António A. P. VIDEIRA, 2004, *Cartas entre Guido Beck e Cientistas Portugueses*, Lisboa, Instituto Piaget.
- [8] GAZETA DE MATEMÁTICA.
- [9] JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL, 1929, *Relatório dos trabalhos efectuados em 1929*, Lisboa.
- [10] MARQUES, Maria Alegria ET AL. (selecção, organização e introdução), 1997, *Correspondência de Rodrigues Lapa, selecção (1929–1985)*, Coimbra, Minerva.
- [11] RAPOSO, Luís Simões, 1928, «Reflexões sobre a Universidade de Évora», *Seara Nova*, nº 142 (20 de Dezembro).
- [12] RAPOSO, Luís Robertes Simões, 1932, *Títulos e Trabalhos Científicos (Curriculum vitæ: 1918 a 1932)*, Lisboa.
- [13] ROSAS, Fernando, 1992, *As Grandes linhas da evolução institucional*, in Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques (Dir.), *Nova História de Portugal*, vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 86–143.
- [14] SILVEIRA, António da, 1976, *Recordando António Sérgio*, in *Homenagem a António Sérgio*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa — Instituto de Altos Estudos.
- [15] WINOCK, Michel, 2000, *O Século dos Intelectuais*, Lisboa, Terramar.